

AS MUDANÇAS LÉXICAS PARA A DESIGNAÇÃO “MOÇO” NO SÉCULO XVI DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Cristiane Fernandes Moreira

1. UM POUCO SOBRE A COMUNIDADE QUE SERVE COMO BASE PARA ESTA PESQUISA

A Vila de pescadores de Baiacu é uma comunidade pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador quarenta e três (43) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha, possui variação vegetal pertencente à província atlântica: manguezal, restinga e mata secundária. A localidade de Baiacu é ramenescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560, sendo a mais antiga e importante colônia de pescador que tem a Ilha.

No início, século XVI (1560), Baiacu era a mais importante e tradicional das 27 comunidades existentes na Ilha de Itaparica, devido ter sido o único vilarejo onde o jesuíta Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram e edificaram a segunda igreja católica matriz no Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera Cruz. A igreja encontra-se localizada entre um cemitério indígena, um dique (primeiro reservatório de abastecimento de água na Ilha) e um terreiro de candomblé. Essa mesma igreja acabou dando nome à freguesia de Vera Cruz e, depois a um dos municípios da ilha, Mar Grande.

O pequeno povoado de Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda. Sempre teve por hábito sair para a pescaria. Dados e informações contidas nas histórias da Ilha remete-nos especificamente à pesca, por exemplo, a questão da introdução à caçadas baleias em 1603, na Ponta das Baleias, onde hoje é a cidade de Itaparica. Lá foi construída a primeira armação de caça às baleias. Esse fato sobre a pesca das baleias é o centro da história da pesca em Baiacu. No século XVI até meados do século XIX existia grande quantidade de baleia na comunidade, por isso os antepassados (os índios tupinambás) construíram a estrutura da pesca em torno dos ossos e óleos de baleia. Os tejupares eram o retrato fiel dessa “arquitetura” à base de óleo de baleia. Atualmente, existe ainda a estrutura da armação dos tejupares, porém o material é outro. Não são mais ossos de baleia, mas sim, paus. Mas, se herdou a cultura primitiva, tradicional e primária no que se refere ao manuseio da pesca. Os pescadores ainda expressam os hábitos e costumes indígenas, seja no uso de material da pesca, nos hábitos alimentares (farinha de mandioca, bebida), sejam para “perguntar” à natureza se a maré e o tempo estão bons para a pescaria. Quer dizer, é uma série de hábitos e costumes indígenas ainda presentes nos pescadores da comunidade que os fazem reconhecer enquanto predecessores daqueles ancestrais.

2. LÉXICO

Estudiosos do léxico também têm demonstrado que a esfera de atuação da Lexicologia empenha-se para a elaboração de um conceito mais amplo. SILVA; MATTOS; MOTA; CARDOSO (2006) citando Basílio informam que os estudos lexicais só passaram a ter uma maior significação a partir de estudos de Mattoso Câmara, sobre a estruturação do léxico na descrição do português brasileiro. Duas fases são fundamentais para esse feito: a primeira, em

meados da década de 60 a início da de 70, refere-se ao desenvolvimento da lingüística no Brasil sob a influência do estruturalismo. A segunda fase, meado da década de 70 se relaciona à integração da lingüística ao quadro geral das demais disciplinas. As autoras (2006, p.466; 470) demonstram que Basílio reconhece que na abordagem tradicional, o léxico não era visto como estrutura, mas em termos de história “(...) a partir do estruturalismo, por força e pela força da distinção sincronia e diacronia de Saussure instaura-se na abordagem do léxico, o domínio dos elementos mínimos sincrônicos, os morfemas”.

Baldinger afirma que (1970, p.243)

“Del siglo XIX al XX la evolución de la lingüística (...) está caracterizada por dos tendencias esenciales: la atención se ha desplazado del sonido a la palabra (de la fonética histórica a la lexicología histórica) (...) Y, ao mesmo tiempo, la manera de enfrentar-se con los problemas, aislante em um principio- unidimensional- se há hecho estructural, es decir, bi- o tridimensional. Las atlas lingüistas han contribuído mucho a este desarrollo. Incluso el atlas lingüísticas de GILLIÉRON (grifo de autor) partía aún del sonido Y desembocaba, casi em contra del deso del autor, em estudios lexicográficos, em la fundación de la geografía lingüística”.

Observa-se, de um lado, o esforço da Lingüística Histórica preocupada com o campo dos estudos lingüísticos e com a dinâmica temporal-cronológica dos processos lingüísticos; de outro, os estudos lexicológicos, em que toma consciência da extrema complexidade de seus problemas e de sua interdependência com o conjunto das outras ciências do homem. Eis, entre essas vertentes de estudo uma justificativa promissora: associarem-se á lingüística de corpora, a fim de estabelecer uma zona de transição entre ambas, e um poderoso aliado para os estudos lingüísticos sincrônicos ou diacrônicos. Uma proposta embrionária como “*As mudanças léxicas para a designação ‘moço’ no português brasileiro do século XVI*” pode servir como meio para tal fato, assim como fortalecer a vontade de prosseguir um estudo mais aprofundado sobre como elaborar, através do corpora do português, um corpus referente ao léxico da pesca. O léxico está relacionado a um círculo significativo antiqüíssimo estreitamente ligado ao terreno da história da língua. Ele tem, por assim dizer, um curioso romance histórico com a língua, sendo portanto, possível que à origem das palavras possam prender-se fatos históricos e sociais de grande interesse. Seu termo é de origem grega. Significa *lexis* < palavra. Muitos estudos foram realizados em torno do léxico. Outrora, tais estudos eram direcionados para a etimologia. Basílio (1980) explica que o papel do léxico está ligado a dupla função da língua que é a de categorizar as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidade de designação, e categorizar as palavras que utilizamos na construção do enunciados. Nessa perspectiva, o vocabulário é o uso efetivo que o falante faz do repertório lexical em determinada situação. A palavra, nesse sentido, poderia ser usada como termo genérico para expressar significações dentro do vocabulário dos falantes.

Do ponto de vista de Coseriu (1986), o léxico é uma lista aberta, cuja base é a definição que quer dizer delimitação, mas essa delimitação não se encontra na realidade senão que se faz através da definição.

Para Vilela (1994, p.33), a importância dessa observação de Coseriu perante o léxico deve-se ao fato de que ele nos proporciona uma distinção de dois tipos para as estruturas lexicais primárias: os campos lexicais e as classes lexicais, estruturas construídas essencialmente a partir

dos semas, classemas e dimensões. O campo lexical é o paradigma constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua-os lexemas-unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo-os semas. Os campos léxicos são classes abertas e implicam uma delimitação interior (dentro do campo) e exterior (de um campo relativamente a outro). O campo lexical é identificado, interiormente, pela existência de oposições. A classe lexical é um conjunto constituído pelos lexemas que, independentemente da estrutura do campo lexical, se encontra organizado por um traço comum de conteúdo. A classe lexical manifesta-se pela sua distribuição gramatical ou lexical.

Um estudo interessante também a respeito do léxico é desenvolvido por Francisco Borba em “Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia”. Nesse estudo, dividido em duas partes: a primeira sobre a análise semântica lexical; a segunda, sobre as alterações semânticas, o autor demonstra o léxico como um conjunto aberto, vulnerável a influências externas. Ao mesmo tempo, Borba esclarece sobre a estrutura mórfica do léxico, a qual é dividida em lexias simples e lexias compostas¹ e, sobre a estrutura nocional das palavras lexicais e palavras gramaticais. Ademais, o autor atenta para o fato da produtividade lexical²; da quantificação, frequência léxica e semântica; do contexto, de suma importância para a significação. Em relação às alterações semânticas, Borba, *a priori*, se baseia em algumas posturas teóricas a fim de explicar tais alterações. Em seguida, realiza uma análise a respeito da expansão e retração semânticas, até chegar, finalmente, à descrição das palavras lexicais e gramaticais. Desse modo, Borba realiza um estudo direcionado especificamente para a semântica lexical com base na organização de dicionários, em que o autor apresenta um recorte diferenciado de entradas e novo critérios de definição.

Dentro desse ângulo de visão, a palavra, o léxico, o vocabulário desempenha um papel decisivo na estrutura lingüística. Explora todos os critérios da língua, pois trata de palavras e de morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Isso por ser o léxico uma das áreas mais dinâmicas do sistema lingüístico. Nesse sentido, o léxico passa a ser considerado como abstração de realidades várias.

No dizer de Oliveira (1999:43; 45):

Sendo o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto [...] é, reconhecidamente, o nível da língua mais resistente à sistematização, tendo em vista seu caráter dinâmico. Tal fato parece ser a causa dos inúmeros desencontros no que se refere à natureza da Lexicologia, ciência que tem no léxico seu objeto de estudo.[...] Muitos estudiosos do vocabulário e da semântica têm-se empenhado em delimitar a esfera de atuação da Lexicologia como base para a elaboração de um conceito mais amplo.

Assim, Oliveira, em sua abordagem sobre o léxico, informa que este integra todo o universo da significação, inclui toda a nomenclatura e a interpretação da realidade. A autora deixa explícito que, em vista disso, poucos estudiosos têm-se dedicado a pesquisas no campo do léxico e da semântica por considerarem essas áreas de difícil apreensão.

¹ São lexias simples as lexias formadas por uma única forma livre e, complexas, as que combinam mais de uma forma livre (BORBA, 2003:22).

² Produtividade lexical se refere ao *corpus* enquanto produtividade da estrutura mórfica afixal, neologia e empréstimos (BORBA, 2003: 79-80).

Em uma outra visão de estudos lingüísticos, embora não especificamente lexicológicos Sapir-Whorf em seus estudos sobre línguas e culturas indígenas da América, consideram o léxico como uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura. Tais estudiosos demonstram que o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura.

Uma outra corrente de estudiosos do léxico que enveredou por estudos que correlacionaram léxico e sociedade encontra-se na proposta de Matoré, para quem a Lexicologia, ciência dedicada aos estudos do léxico, é considerada uma disciplina sociológica. Seu trabalho é um estudo dos campos nocionais, porque paralingüístico e parte do estudo do vocabulário para explicar a sociedade. Conforme Bidermann (1981, p.132):

A perspectiva de Matoré é a de que o léxico é apenas uma testemunha de uma sociedade de uma época, por isso chamou os elementos do léxico de ‘mots-témoins’. Pois, para Matoré, a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo, através da qual o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. De modo que, a palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Matoré tem convicção de que o léxico de uma língua é testemunho da cultura, da vida de um povo, de uma comunidade. Define a lexicologia como uma disciplina sociológica que utiliza o material lingüístico que são as palavras.

O tesouro léxico seria assim, portanto, transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e idéias e, ao mesmo tempo, demonstrar a evolução por que passa a língua (cf. Bidermann, 1981).

Nesse sentido, o léxico reflete as práticas específicas de uma comunidade e de sua cultura. Como reflexo dessa perpetuação lexical, os membros que integram uma dada comunidade vão, gradualmente, recriando ou perpetuando o vocabulário de sua língua. A apreciação em torno da lexia *Moço* tenta demonstrar isso: estrutura, origem, formação, significado e, alguns exemplos contextuais de *Moço*, a partir do ponto de vista etimológico e com base no corpus do português a fim de se verificar as mudanças léxicas e semânticas encontradas nesse item lexical. A priori, verificar-se-a a designação “*Moço*”, a partir da perspectiva de alguns lexicógrafos, seguida de um esquema, (considerou ser necessário a apreciação do termo “*Moço*” em conjunto com os lexicógrafos a fim de se observar uma perspectiva etimológica do fato e reforçar a perspectiva histórica dos estudos léxicos). Posteriormente, serão demonstradas as mudanças léxicas encontradas no século XVI a partir do Português brasileiro com base no corpus de dados do Português. Por fim, apresentar-se-ão alguns exemplos retirados do contexto da pesca da comunidade do Baiacu.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 4 ed. RJ: Delta Vol. III, 1985.

BALDINGER, Kurt. Teoría semántica: hacía a semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1978, p. 278.

BENVENISTE, Emille. Problemas de lingüística geral II. Tradução Eduardo Guimarães.: SP: Pontes, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A estruturação mental do léxico. In: QUEIROZ, T.A. Estudos de Filologia e Lingüística: em homenagem a Issac Nicolau Salim. SP: EDUSP, 1981, p. 131-145.

BORBA, Francisco da Silva. Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia.SP: UNESP, 2003, p.21-298.

CASARES, J. Diccionario Ideológico de la lengua española. Barcelona: Editora Gustavo Gili, MCMLIV.

COSERIU, Eugenio. Teoria del lenguaje y lingüística general. 3ed. Revisada y corregida. Madrid: Gredos, 1973.

COROMINAS, J, PASCUAL, J.A. Diccionario critico etimológico Castelhana e Hispânico. Madrid: Gredos. Vol. IV, 3 ed. 1981.

CUNHA, Antonio Geraldo. Diccionario Etimológico da Língua portuguesa.RJ:Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Diccionario de Língua Portuguesa:Século XXI. 3 ed. RJ: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio. Diccionario Houaiss da Língua Portuguesa. RJ: Objetiva, 2004.

LAKOFF, George. Womem, Fire, and Dangerous things:What categories. Reveal about the Mind. The University of Chicago Press. 2002, p.90-114.

MARTINET,André. Economia de los câmbios fonéticos. Versión española de Alfredo de la Fuente Arranz. Madrid:Gredos.1974.

MACHADO, José Pedro. Diccionario Etimológico da Língua Portuguesa. Vol.II. Confluência, 1952.

MACHADO FILHO, Américo. Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista, *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 29-30, 2002-2003. pp. 16-29.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. Aspectos lexicais no uso de apelidos na comunidade de Baiacu.Monografia de especialização.Salvador: UFBA, 2006, p. 113.

NASCENTES, Antenor.Diccionario etimológico resumido. RJ:Instituto Nacional do Livro, 1966.

OLIVEIRA, ANA MARIA PINTO Pires de. O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos. Tese de Doutorado. UNESP, 1999, 475p.(?)

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. Aulas de semântica: Disciplina Tópicos em Diacronia. UFBA. Out.Nov.Dez.2006.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. A semântica na Lingüística Moderna: o léxico. RJ Francisco Alves,1977, p.21-31.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral.7 ed. SP: Cultrix, 1961.

ULLMANN, Stephen.Semântica:uma introdução à ciência do significado. 4 ed.Lisboa: FundaçãoCalouste Gulbenkian, 1967.

VIDOS, Bedek Elemér. Manual de lingüística românica. Trad. de José Pereira da Silva. RJ: EDUERJ, 1996.

VILELA, Mário. Estudos de Lexicologia do Português.Coimbra: Almedina, 1994.

Multimeios:

WWW//corpusdoportugues.org